Análise Psicológica (2019), 4 (XXXVII): 507-519 doi: 10.14417/ap.1536

Uma análise exploratória das relações entre as representações de vinculação do pai e o seu envolvimento em atividades práticas e lúdicas

Lígia Monteiro[*] / Rita Maia[**] / Carla Fernandes[***] / Marília Fernandes[***] / Marta Antunes[***] / Manuela Veríssimo[***]

[*] ISCTE – Instituto Universitário de Lisboa, CIS-IUL, Lisboa, Portugal; [**] ISPA – Instituto Universitário, Lisboa, Portugal; [***] ISPA – Instituto Universitário, William James Center for Research, Lisboa, Portugal

Este estudo teve como principal objetivo explorar as relações entre as representações de vinculação (script de base segura) do pai, e o seu envolvimento em atividades práticas (relacionadas com a gestão e cuidados à criança) e em atividades com características lúdicas (brincadeira/lazer). Participaram 62 famílias nucleares, com crianças entre os 2 e os 5 anos, de estatuto socioeconómico médio e de duplo--rendimento. De modo a analisar os scripts de base segura utilizou-se as Narrativas de Representação da Vinculação em Adultos, aplicadas individualmente ao pai, tendo a mãe e o pai preenchido, de modo independente, um questionário sobre o envolvimento parental. Os resultados indicam que os pais possuem e acedem ao script de base segura em contextos onde este é elicitado; que participam mais nas atividades lúdicas, do que nas práticas; e que pais com valores mais elevados de script adulto/ /criança se encontram mais envolvidos nas atividades práticas, mesmo quando a idade da criança e as habilitações do pai são controladas.

Palavras-chave: Script de base-segura, Envolvimento, Atividades práticas e lúdicas, Pai.

Uma visão mais igualitária nas oportunidades de acesso ao mercado de trabalho, e na partilha do poder e responsabilidades na família continua, na sociedade atual, a misturar-se com uma visão mais tradicional do homem como o pilar económico e de autoridade, e da mulher como esposa, responsável pelas tarefas domésticas e de cuidados à criança (e.g., Torres et al., 2018; Wall et al., 2016). Ao nível das políticas da família e das crenças sobre a parentalidade tem-se, contudo, verificado progressos interessantes, sendo comum a perceção de que quando o pai não participa na educação e cuidados aos filhos, isso terá implicações negativas para o bem-estar dos mesmos (e.g., Monteiro, Torres, & Salinas-Quiroz, in press; Wall et al., 2016).

O presente estudo visa contribuir para a compreensão da parentalidade no masculino, centrando--se na perspetiva do pai, dado que a distinção tradicional entre cuidador primário e secundário leva, muitas vezes, a que este seja excluído dos estudos, ou que o seu papel seja analisado através da perspetiva materna (Cabrera, Volling, & Barr, 2018). Por outro lado, é importante reconhecer que o modo como o homem define e vivência a parentalidade é influenciado por múltiplos fatores e níveis. Entre outros autores (e.g., Lamb & Tamis-Lemonda, 2004; Marsiglio, Amato, Day, & Lamb, 2000; Palkovitz, 2002), Parke (1996) identifica diferentes níveis de determinantes do envolvimento paterno: individual, familiar, extrafamiliar e cultural. Considerando o nível mais individual, visa-se explorar as relações entre a história do indivíduo, em termos das suas

A correspondência relativa a este artigo deverá ser enviada para: Lígia Monteiro, ISCTE – Instituto Universitário de Lisboa, CIS-IUL, Avenida das Forças Armadas, 1649-026 Lisboa, Portugal. E-mail: ligia.monteiro@iscte-iul.pt

representações de vinculação, e o seu envolvimento em atividades relacionadas com a criança, e que de acordo com a literatura têm impacto no desenvolvimento e bem-estar infantil e dos próprios adultos (e.g., Lamb, 2010a; Palkovitz, 2002).

História do indivíduo – Scripts de base segura

No contexto das interações diádicas, reais e contínuas ao longo do tempo, entre a criança e as figuras parentais, esta vai construindo modelos internos dinâmicos das figuras de vinculação e do *self*, que guiam o modo como interpreta e prevê os comportamentos esperados do outro, e em função dos quais planeia as suas respostas presentes e futuras (Bowlby, 1973). No âmbito da teoria da vinculação, espera-se que estes modelos, formados nos primeiros anos de vida, passem a operar ao nível do inconsciente, tornando-se relativamente estáveis com os anos. No entanto, tal não significa que devam ser vistos como estáticos, mas antes como dinâmicos, passiveis de revisão e mudança face a novas experiências reais relevantes para a vinculação (Bowlby, 1973, 1988; Waters, Merrick, Treboux, Crowell, & Albersheim, 2000). Na idade adulta estas representações (abstratas e generalizadas) operam como guia implícito no estabelecimento e funcionamento em novas relações onde o fenómeno de base segura está presente, nomeadamente, nas relações românticas/casal (adulto/adulto) e na parentalidade (adulto/criança) (Bowlby, 1973, 1988; Bretherton & Munholland, 2008; Main, Kaplan, & Cassidy, 1985). Ao nível da parentalidade, espera-se que estas representações sejam expressas no envolvimento e qualidade dos comportamentos parentais, no contexto das interações com a criança, nomeadamente, ao nível da sensibilidade, responsividade e acessibilidade face aos sinais e comunicações da mesma (e.g., Bowlby, 1988; Bretherton & Munholland, 2008; Coppola, Vaughn, Cassibba, & Costantini, 2006; Main et al., 1985; van IJzendoorn, 1995).

No sentido de analisar a estrutura cognitiva destes modelos e compreender de que modo têm impacto ao nível dos comportamentos, emoções e cognições dos sujeitos, Waters e Rodrigues-Doolabh (2001) sugerem que a história das interações de base segura é representada/organizada, na memória, sob a forma de um *script* (para informação mais detalhada ver Monteiro, Veríssimo, Silva, Branco, & Santos, 2015; Vaughn et al., 2007; Waters & Waters, 2006). Na idade adulta, o conhecimento de tipo *script,* relativo a ter e/ou ser uma base segura, organiza-se do seguinte modo: (a) interação construtiva entre os membros da díade (adulto/criança ou adulto/adulto); (b) um obstáculo à continuação da interação; (c) um sinal de que é necessária ajuda; (d) deteção do sinal pelo parceiro; (e) oferta de ajuda efetiva; e a ajuda é sentida pelo recetor como reconfortante; (f) resolução e/ou regresso à interação construtiva com o meio físico ou social (Waters & Rodrigues-Doolabh, 2001). Diversos estudos confirmam que, as representações relativas às relações adulto/ /criança e adulto/adulto se encontram organizadas num *script* geral e abstrato para as mães (e.g., Coppola et al., 2006; Veríssimo, Monteiro, Vaughn, Santos, & Waters, 2005; Waters & Rodrigues-Doohlab, 2001), e pais (e.g., Monteiro, Veríssimo, Vaughn, Santos, & Bost, 2008). Espera-se, assim, que os processos mentais variem, tal como os processos comportamentais, em função de diferentes modelos internos (Main et al., 1985).

O envolvimento do pai

A análise do papel do pai e do seu envolvimento na vida da criança deverá variar em função do tipo de atividades (e.g., suporte financeiro, cuidados, brincadeira, instrução, disciplina), diferenciando-se assim contextos e tipos de interação, evitando o erro de minimizar ou estereotipar o envolvimento dos cuidadores. Tal distinção possibilita uma análise mais específica dos papéis parentais, dos seus preditores e efeitos no desenvolvimento da criança (e.g., Cabrera, Tamis-LeMonda, Bradley, Hofferth, & Lamb, 2000; Parke, 2000) e do próprio adulto (Palkovitz, 2002).

A literatura que compara ambos os cuidadores tende a salientar as diferenças, descrevendo as interações mãe/criança como caracterizadas pelos cuidados e as dos pais pela brincadeira. Para além dos contextos, os estilos comunicativos e de brincadeira tendem a ser descritos como distintos. Por exemplo, com as mães a terem maior tendência a pegar nos seus bebés ao colo no decurso das rotinas de cuidados, e os pais a fazê-lo quando solicitados ou enquanto brincam. As brincadeiras das mães são descritas como mais tranquilas e mediadas por objetos, e as dos pais como estimulantes, imprevisíveis, desafiantes e de natureza mais física, suportando uma exploração ativa do ambiente físico e social. As diferenças tendem a manter-se, mesmo quando os pais consideram que devem participar nos cuidados, contudo, são mais salientes numa divisão tradicional, entre homem/mulher, baseada no género. Porém, há que evitar o preconceito do pai como menos capaz, do que a mãe, para cuidar e ser sensível nas interações com a criança (Lamb & Lewis, 2010).

Bretherton, Lambert e Golby (2005), com base na análise de entrevistas realizadas a pais de crianças em idade pré-escolar, indicam que estes estão bastante investidos e envolvidos com os seus filhos. Os cuidadores mencionam, de modo claro, a proximidade emocional e a afetividade enquanto falam das rotinas de sono/deitar, de separações/reuniões entre si e a criança, ou em situações de disciplina. A maioria refere a proximidade física (e.g., a criança sentar-se ao seu colo, abraçar ou beijá-lo) e psicológica em momentos tranquilos de companheirismos, mais do que em momentos de atividades conjuntas caracterizadas como ativas e enérgicas. No estudo de Monteiro, Veríssimo et al. (2010) com famílias portuguesas, a participação do pai nas atividades práticas encontrava-se associada com a qualidade da relação de vinculação da criança com o progenitor. Para as atividades lúdicas a associação foi, apenas, marginalmente significativa. Sugere-se, com base na análise dos comportamentos observados, que uma maior participação nos cuidados facilita a comunicação harmoniosa entre os elementos da díade, as crianças aceitam sugestões, participam num dar e receber marcado por um tom emocional positivo. Associados à participação nos dois tipos de cuidados estavam comportamentos relacionados com o manter a noção da localização do pai, e o regressar para junto deste quando aborrecida ou a necessitar de ajuda. Estas relações são, ainda, caracterizadas pela satisfação da criança no contacto físico com o pai e pela capacidade deste a reconfortar, numa situação de aflição ou ansiedade, sendo marcadas por uma partilha afetiva entre ambos.

Apesar dos progressos identificados, estudos com famílias portuguesas indicam que as mães se encontram mais envolvidas tanto nos cuidados, como na brincadeira com os seus bebés (e.g., Fuertes, Faria, Beeghly, & Lopes-dos-Santos, 2016). Em famílias com crianças em idade pré--escolar (e.g., Monteiro, Fernandes, Torres, & Santos, 2017; Monteiro, Veríssimo et al., 2010; Torres, Veríssimo, Monteiro, Ribeiro, & Santos, 2014), os resultados indicam a existência de uma menor participação relativa do pai nas atividades de cuidados (e.g., dar banho ou vestir) ou de gestão (e.g., comprar roupas), enquanto na brincadeira (e.g., fazer jogos de tabuleiro ou brincadeiras com características mais físicas), lazer (e.g., ida ao parque), ou ensino/disciplina (ensinar competências ou estabelecer regras) há uma participação tendencialmente igualitária (com particular saliência para a brincadeira). Simões, Leal e Marôco (2010) verificaram, numa amostra com crianças entre os 5 e os 9 anos, que os pais se percecionavam como envolvidos nos cuidados aos filhos, sendo pouco saliente a participação na disciplina. Embora se descrevessem como disponíveis, os pais indicavam estar pouco presentes fisicamente em determinadas atividades diárias, resultado das dificuldades de conciliação com o trabalho. Em termos relativos, as mães continuam a passar uma percentagem de tempo mais elevada como cuidadoras primárias, comparativamente aos pais.

Os recursos e oportunidades socioeconómicas têm impacto no tipo e grau de envolvimento do pai; no presente estudo analisamos o papel das habilitações literárias. Em amostras portuguesas verificou-se que pais com habilitações mais elevadas participavam mais nas atividades de cuidados

(e.g., Monteiro, Veríssimo et al., 2010), de gestão (e.g., Monteiro, Fernandes et al., 2010), ensino/ /disciplina (e.g., Torres et al., 2014) e brincadeira/lazer (e.g., Monteiro et al., 2017). Sugere-se que estes pais possuem mais recursos, competências e informação sobre as necessidades e características desenvolvimentais dos filhos, sentindo-se deste modo seguros e motivados a cuidar e interagir com eles (e.g., Bailey, 1994; Cabrera, Shannon, & Tamis-LeMonda, 2007). Estes pais poderão, ainda, possuir crenças sobre os papéis de género mais igualitárias, promovendo assim a sua participação, nomeadamente em domínios tradicionalmente associados à mãe (e.g., Jacobs & Kelley, 2006). Contudo, outros trabalhos não reportam associações entre as habilitações dos pais e seu envolvimento (e.g., Afonso, Veríssimo, Fernandes, Borges, & Monteiro, 2011; Simões et al., 2010).

Embora os resultados nem sempre sejam consistentes, o sexo e a idade da criança são descritas como variáveis que influenciam a variabilidade no tipo e grau de envolvimento paterno. Relativamente ao sexo, este parece ter atualmente menor impacto no envolvimento do pai, comparativamente com décadas anteriores (Pleck & Masciadrelli, 2004). No entanto, quando são reportadas diferenças são-no em favor dos rapazes, com os pais a passarem mais tempo e estarem mais envolvidos com os seus filhos em contextos de cuidados e/ou brincadeira (e.g., Lima, 2005; Monteiro, Fernandes et al., 2010; NICHD, 2000; Yeung, Sandberg, Davis-Kean, & Hofferth, 2001). No que concerne à idade, os anos pré-escolares trazem importantes ganhos em termos do desenvolvimento infantil (ao nível linguístico, cognitivo e socio-emocional) tornando a criança mais autónoma, competente e atrativa enquanto parceiro de interação. Este período, segundo diversos autores, representa um pico nos níveis de interações pai/criança, em particular, no contexto de brincadeira (e.g., Lamb & Lewis, 2010; Parke, 1996). Modo geral, estudos com amostras portuguesas não tendem a reportar associações com a idade das crianças (e.g., Lima, 2005; Monteiro, Fernandes et al., 2010; Monteiro, Veríssimo et al., 2010). Contudo, Torres et al. (2014) verificaram que quanto mais velhas as crianças, mais envolvidos se encontram os pais nas atividades de cuidados indiretos (gestão) e de brincadeira.

O presente estudo tem como principal objetivo analisar as relações entre as representações de vinculação do pai, organizadas num script de base segura, e o seu envolvimento (relativo à mãe), analisado enquanto participação nas atividades práticas e lúdicas. Explora-se, se será o script de base segura global, ou o conhecimento referente às relações adulto/criança que estará associado a um maior envolvimento do pai. Por outro lado, espera-se que este possa ter mais impacto na participação dos pais nas atividades práticas, do que nas lúdicas, dado que cultural e socialmente a definição do papel de pai tende a ser menos clara, do que o de mãe, particularmente no que se refere aos cuidados à criança (Peitz, Fthenakis, & Kalick, 2001). Dado que as habilitações literárias dos cuidadores podem ter impacto no seu envolvimento estas são controladas nas análises, assim como a idade e sexo da criança.

Método

Participantes

Participaram no estudo 62 famílias nucleares portuguesas (mãe, pai, criança-alvo). Os pais tinham idades compreendidas entre os 28 e os 63 anos (M=37.30, DP=6.05), e as suas habilitações literárias variavam entre os 7 e os 23 anos (M=14.57, DP=3.08). Relativamente às mães as suas idades encontravam-se entre os 24 e os 50 anos (M=34.90, DP=4.50), e as suas habilitações entre os 7 e os 23 anos de escolaridade (M=15.39, DP=3.19). Ambos trabalhavam a tempo inteiro. As crianças tinham idades compreendidas entre os 2 e os 5 anos (M_{meses}=34.63, DP=7.07), sendo 34 do sexo masculino, e todas frequentavam Creche/Jardim-de-Infância. As famílias pertenciam a um nível socioeconómico médio, sendo oriundas do Distrito de Lisboa.

Procedimento/instrumentos

O estudo foi realizado de acordo com os padrões éticos da *American Psychological Association*, e aprovado pela comissão de ética do ISPA – Instituto Universitário, estando integrado num projeto mais amplo sobre o desenvolvimento sócio-emocional nos primeiros anos de vida. Os pais foram recrutados através dos jardins-de-infância que as crianças frequentavam (uma criança por família), tendo sido informados dos principais objetivos do projeto e assinado um consentimento informado, antes de qualquer recolha de dados.

Para 76% dos participantes as narrativas de vinculação foram recolhidas no contexto de uma visita a casa, combinada com o objetivo de observar as interações entre a criança e o cuidador (ver Monteiro & Veríssimo, 2010). Foi solicitado ao pai que realizasse a tarefa com um dos observadores, enquanto o outro brincava com a criança numa divisão adjacente. Para 24% dos participantes a tarefa foi realizada em contexto escolar, numa sala tranquila e adequada para o propósito, estando apenas presente o pai e um assistente de investigação. Esta tarefa foi gravada (áudio) e posteriormente transcrita para cotação. Os questionários foram enviados para casa, em momentos distintos (50% primeiro para as mães), e solicitado aos cuidadores que os preenchessem de modo independente.

Script de base-segura

As *Narrativas de Representação da Vinculação em Adultos* (Waters & Rodrigues-Doolabh, 2004, manual não publicado) é um instrumento constituído por quatro grupos de palavras sugestivas criadas com o objetivo de guiar a produção de narrativas relacionadas com cenários importantes para a vinculação e, deste modo, analisar o conhecimento e acesso ao *script* de base segura de adultos, em contextos de rotina e ansiogénicos (Waters & Rodrigues-Doolabh, 2001). Os dois primeiros, "A manhã do bebé" e "No consultório médico", referem-se às interações adulto/criança (neste estudo pai/criança), enquanto que "O acampamento da Joana e do Pedro" e "O acidente da Susana" referem-se às interações adulto/adulto. As palavras sugestivas apresentadas em cada história dão apenas um possível enquadramento para a elaboração da narrativa, assim o mesmo conjunto pode desencadear diversas histórias, igualmente bem elaboradas, em torno do *script* de base segura (Waters & Waters, 2006). Para cada história as palavras apresentadas estão organizadas em três colunas: na primeira, as palavras apresentadas sugerem um possível cenário e os atores iniciais; na segunda alguns conteúdos e atividades e na última uma possível conclusão para a história. Foi pedido aos pais que lessem cada coluna de cima para baixo e da esquerda para a direita, de modo a terem uma ideia acerca de uma possível história a contar, sendo, no entanto, os pais livres de utilizarem as palavras como entendessem. Foram, ainda, informados que as histórias seriam gravadas e que, se assim o entendessem, poderiam parar de contar a história e reiniciá-la. À medida que os conjuntos de palavras foram sendo apresentados, um por um, o investigador identificava o tema da história e se as personagens eram o pai e criança, ou dois adultos. Estes foram apresentados em sequências diferentes, de modo a controlar possíveis efeitos de ordem. As histórias relativas à interação adulto/criança foram sempre apresentadas como um bloco e as referentes aos adultos como outro bloco. Na sua maioria os pais realizaram a tarefa em cerca de 20 minutos.

Após a transcrição das narrativas estas foram cotadas numa escala de 7 pontos, indicando a extensão em que a narrativa se encontrava organizada em torno do *script* de base segura, e a sua riqueza/detalhe relativa à relação entre as personagens. Um valor global sintetiza tanto a presença, como a qualidade do *script* para cada uma das narrativas. Os valores inferiores a 4 indicam a ausência geral do *script* de base segura. Os valores mais baixos (1- 2) são reservados para histórias em que, não só há ausência do *script* como, também, se verifica a existência de conteúdos bizarros.

Os valores de 4 (indicador mínimo) ou acima na escala de 7 pontos, indicam a presença do *script* de base segura. Os valores mais elevados são atribuídos quando o *script* é elaborado, revela conhecimento e sensibilidade face ao estado emocional do outro, reformula o significado do obstáculo/conflito de um modo favorável e/ou integra a interação atual no contexto da relação entre os sujeitos (ver Waters & Rodrigues-Doolabh, 2004; Waters & Waters, 2006). A média das histórias, com conteúdo de base segura, indica o valor *script* de base segura global para cada sujeito. A cotação foi realizada por três investigadores, previamente treinados e com experiência nesta metodologia. Nenhum teve acesso a informação sobre as famílias. Os valores de acordo entre os investigadores (calculados como correlações intra-classes) variam entre .74 e .96, com cerca de 89% dos valores a situarem-se dentro de 1 ponto na escala de 1-7.

Sociodemográficos

As mães responderam a uma *Ficha Sociodemográfica* que visava recolher informação referente aos pais (e.g., idade, estado civil, habilitações literárias, trabalho), à criança (e.g., idade e sexo) e ao sistema familiar (e.g., estatuto socioeconómico).

Envolvimento parental

Ambos os cuidadores responderam de modo independente, e em momentos distintos, a uma escala sobre o envolvimento parental, analisado enquanto a participação na organização e realização de diferentes atividades relacionadas com as crianças (Monteiro, Veríssimo et al., 2010). É constituída por 17 itens, organizados em duas dimensões: (1) atividades práticas, composta por 11 itens, relacionados com a organização e realização dos cuidados à criança (e.g., "Quem fica em casa quando o seu filho está doente" ou "Quem dá banho ao seu filho"); (2) atividades lúdicas, composta por 6 itens, relacionados com a brincadeira e o lazer (e.g., "Quem lê histórias ao seu filho" ou "Quem leva o seu filho ao parque infantil"). O envolvimento é avaliado numa perspetiva relativa face à outra figura parental. É pedido às figuras parentais que respondam a cada item numa escala de 5 pontos: Sempre a mãe (1); Quase sempre a mãe (2); Tanto a mãe como o pai (3); Quase sempre o pai (4); Sempre o pai (5), apenas para a criança a participar no estudo. Valores mais elevados representam uma maior participação do pai. Os Alfa de *Cronbach* atingiram valores aceitáveis em todas as dimensões (atividades práticas: mãe=.70, pai=.71 e atividades lúdicas: mãe=.85, pai=.72. Com base nos coeficientes de correlação intra-classe verificou-se que as atividades práticas e lúdicas apresentavam valores muito elevados de concordância no casal (.78 e .79 respetivamente). Deste modo, calculou-se um valor compósito (através da média aritmética) das respostas de mães e pais, utilizado nas análises seguintes.

Resultados

Script de base segura do pai

As relações intra-histórias adulto/criança e adulto/adulto foram analisadas, verificando-se a existência de correlações positivas e significativas nas histórias adulto/criança (r=.61, p<.001), adulto/adulto (r=.64, p<.001), e entre os dois grupos de narrativas (r=.60, p<.001). Deste modo, calcularam-se valores compósitos (média aritmética) para as narrativas adulto/criança e adulto/adulto, bem como um compósito global de *script* de base segura. As médias e desvios padrão são apresentados na Tabela 1.

Tabela 1

Estatísticas descritivas referentes às narrativas de vinculação

Narrativas/*script*	Min	Max	*M*	*DP*
Adulto/criança	1.93	5.88	3.49	0.99
Adulto/adulto	1.67	6.16	3.32	0.91
Compósito global	2.27	6.02	3.40	0.85

Envolvimento do pai

A análise das duas dimensões do questionário indica que, em média é "quase sempre a mãe" a realizar as tarefas práticas de organização e cuidados à criança, com os valores a variarem entre 1 e 3.25 (M=2.17, DP=.47). Nas atividades lúdicas (brincadeira/lazer) os valores variam entre 1 e 3.30 (M=2.69, DP=.39), indicando uma tendência para "tanto a mãe como o pai" participarem nestas atividades. Uma análise *t-student* para amostras emparelhadas indica que as figuras parentais partilham significativamente mais as atividades lúdicas, do que as práticas [$t(61)=-10.4$, $p<.001$].

Sociodemográficos

Com base em Correlações de *Pearson* testaram-se as associações bivariadas entre as variáveis sociodemográficas (medidas em variáveis contínuas) de pai, mãe (idade, habilitações literárias), e criança (idade), os *scripts* de base segura e o envolvimento do pai. Apenas foi encontrada uma correlação positiva e significativa entre a idade da criança e participação nas atividades práticas (r=.27, p=.034); e entre as habilitações literárias do pai e a participação nas atividades lúdicas (r=.31, p=.014). Assim, quanto mais velha a criança, mais o pai participa nas atividades práticas, e quanto mais elevadas as suas habilitações literárias, maior a participação nas atividades lúdicas. Análises one-way ANOVAS com o sexo da criança como variável independente indicam que não existem diferenças significativas entre rapazes e raparigas para o envolvimento do pai.

Script de base segura e o envolvimento do pai

As associações bivariadas entre as representações de vinculação do pai e o seu envolvimento nas atividades relacionadas com a criança são apresentadas na Tabela 2. Apenas o *script* de base segura nas narrativas adulto/criança se encontra positivamente associado com a participação paterna nas atividades práticas.

Tabela 2

Correlações de Pearson entre as representações de vinculação do pai e o seu envolvimento

Narrativas/*script*	Atividades práticas	Atividades lúdicas
Adulto/criança	*0.25*	0.18
Adulto/adulto	0.01	-0.03-
Compósito global	0.15	0.09

Nota. *p=.05.

Quando se controla a idade da criança e as habilitações literárias do pai nas relações entre os *scripts* e o envolvimento, os resultados continuam a indicar uma associação positiva e significativa

entre o script adulto/criança e as atividades práticas (r=.26, p<.04). As restantes associações mantêm-se não significativas.

Discussão

"Fathers are parents too!" (Cabrera et al., 2018), no entanto, existe ainda um caminho a percorrer no sentido da sua inclusão efetiva, quer ao nível da investigação sobre a parentalidade e do seu impacto no desenvolvimento de crianças e jovens, quer ao nível das políticas relativas à família. Procurando ser um contributo nesse sentido, o presente estudo teve como objetivo explorar, numa amostra de famílias nucleares portuguesas de duplo rendimento, as relações entre as representações de vinculação do pai e o seu envolvimento em atividades do dia-a-dia relacionadas com crianças entre os 2 e os 5 anos de idade.

Ao nível das representações de vinculação verificou-se que, face a diferentes conjuntos de palavras que remetem para contextos de rotina e ansiogénicos (Waters & Rodrigues-Doolabh, 2001, 2004), os pais ativam o *script* de base segura que guia a construção das suas narrativas. Estas reproduzem, assim, diferentes expectativas, mais ou menos consistentes acerca das interações adulto/criança e adulto/adulto (Waters & Waters, 2006). A ideia implícita ao uso deste tipo de metodologias é que os processos mentais variam, tal como os processos comportamentais, em função dos diferentes modelos internos, o que se reflete na linguagem (Main et al., 1985). Tal como para as mães (amostras maioritariamente utilizadas noutros estudos) os pais, nesta amostra, possuem um *script* generalizado de base segura, com os valores de correlação entre narrativas adulto/criança e adulto/adulto a assemelharem-se aos de outras amostras de diversos grupos socioculturais (e.g., Monteiro et al., 2015; Rodrigues-Doohlab, Zevallos, Turan, & Green, 2003; Vaughn et al., 2007; Veríssimo et al., 2005). Refira-se, ainda, que não existem correlações significativas entre as habilitações dos pais e os valores *script* de base segura. O facto de as histórias serem produções orais ajuda a minimizar possíveis diferenças individuais em termos de estilos e competência verbal (Waters & Waters, 2006).

Relativamente ao envolvimento paterno, analisado como a participação relativa do pai, em relação à mãe, em atividades práticas (gestão e cuidados diretos à criança) e lúdicas (brincadeira e lazer), verifica-se que as mães continuam a assumir "quase sempre" o papel cuidador e de gestão/organização na família, havendo uma tendência para a partilha nas atividades lúdicas (e.g., Monteiro et al., 2017; Monteiro, Veríssimo et al., 2010; Torres et al., 2014). Nestas famílias, a envolvimento continua, assim, a ser tendencialmente baseado no género, potencializando diferentes tipos de interação com a criança, embora não se possa inferir que os pais sejam menos competentes ou não sejam capazes de cuidar de modo sensível e responsivo dos seus filhos (e.g., Bretherton et al., 2005; Monteiro, Veríssimo et al., 2010). Será, ainda, importante não minimizar o envolvimento do pai (assim como o da mãe) em atividades de brincadeira, dado o seu papel no suporte à exploração do ambiente físico e social da criança, ou por exemplo nos domínios da regulação emocional e comportamental (e.g., Grossmann et al., 2002; Lamb & Lewis, 2010; StGeorge & Freeman, 2017).

Das variáveis sociodemográficas controladas apenas a idade da criança se encontra positivamente associada com o envolvimento do pai nas atividades práticas. É possível que com o aumento das competências e autonomia das crianças em idade pré-escolar, os pais se sintam mais à-vontade e competentes para participar nos cuidados aos filhos, comparativamente, por exemplo, com os cuidados no primeiro ano de vida (e.g., Bailey, 1994). Nas atividades lúdicas, e tal como noutros estudos (e.g., Monteiro et al., 2017; Monteiro, Fernandes, et al., 2010), pais com habilitações literárias mais elevadas estão mais envolvidos com os seus filhos. Este tipo de

atividades pode ser visto pelos cuidadores não só como contextos de interações de partilha afetiva, mas também de aquisição e desenvolvimento de diversas competências (e.g., cognitivas, linguísticas), assim como de normas e valores do grupo de pertença (e.g., Parke, 1996; Parke et al., 2004).

Nesta amostra, as representações de vinculação, em particular as referentes às relações adulto/criança encontram-se positivamente associadas com o envolvimento do pai nas atividades práticas (controlando a idade da criança e as habilitações do pai). Apesar de se verificar que estes pais possuem um *script* de base segura global, é possível que face a contextos específicos de interação, seja o conhecimento do tipo *script* adulto/criança que seja ativado, influenciando expectativas, sentimentos e comportamentos no exercício da parentalidade. Por outro lado, esta associação apenas é significativa para as atividades práticas que remetem para cuidados à criança. Sugere-se que o conhecimento de tipo *script* adulto/criança possa ser mais relevante em domínios onde o papel do pai é menos bem definido cultural e socialmente (Peitz et al., 2001), como é o caso dos cuidados, comparativamente com a brincadeira e o lazer.

Os autores gostariam de indicar algumas limitações deste estudo, nomeadamente, o facto de ter um delineamento transversal e correlacional com as implicações daí inerentes às interpretações dos resultados, nomeadamente, ao nível da causalidade. Por outro lado, a amostra é reduzida e relativamente homogénea em termos sociodemográficos. Refira-se, ainda, a necessidade de estudos futuros incluírem outro tipo de atividades (e.g., instrução, disciplina), bem como integrar a componente da qualidade desse envolvimento (e.g., Ainsworth, Blehar, Waters, & Wall, 1978; Egeland, Erickson, Moon, Hiester, & Korfmacher, 1990; Grossmann et al., 2002; StGeorge & Freeman, 2017). Se um maior envolvimento do pai tem sido associado, de modo consistente, a resultados mais positivos para a criança, adulto e para o próprio sistema familiar, quando as características e qualidade do mesmo são descritas como negativas (e.g., abusiva) os resultados são distintos (ver Lamb, 2010b, 2012).

Apesar das limitações, este estudo contribui para a análise do papel do pai, considerando a sua perspetiva, e salientando a história do indivíduo (representações de vinculação) e do seu potencial impacto na idade adulta, nomeadamente, na parentalidade. As histórias das relações precoces dos cuidadores (pai e mãe) são uma das peças do complexo puzzle que é a parentalidade (Lamb, 2012), sendo que o trabalho a este nível com as famílias poderá contribuir para uma parentalidade mais saudável e consciente, particularmente em contextos de negligência ou maus-tratos (World Health Organization, 2004).

Referências

Afonso, A., Veríssimo, M., Fernandes, M., Borges, P., & Monteiro, L. (2011). Associações entre o envolvimento paterno e a competência social de crianças em contexto pré-escolar. *Psicologia, Educação e Cultura, 11*, 43-60.

Ainsworth, M. D. S., Blehar, M., Waters, E., & Wall, S. (1978). P*atterns of attachment: A psychologiacl study of the strange situation*. Hillsdale, NJ: Erlbaum.

Bailey, W. T. (1994). A longitudinal study of father's involvement with young children: Infancy to age 5 years old. *Journal of Genetic Psychology, 155*, 331-339. Retrieved from http://dx.doi.org/10.1080/00221325.1994.9914783

Bowlby, J. (1973). *Attachment and loss*: *Separation, anxiety, and anger* (vol. 2). Middesex: Penguin Books.

Bowlby, J. (1988). *A secure base: Parent-child attachment and healthy human development*. New York: Basic Books.

Bretherton, I., Lambert, J. D., & Golby, B. (2005). Involved fathers of preschool children as seen by themselves and their wives: Accounts of attachment, socialization, and companionship. *Attachment & Human Development, 7*, 229-251.

Bretherton, I., & Munholland, K. (2008). Internal working models in attachment relationships: Elaborating a central construct in attachment theory. In J. Cassidy & P. R. Shaver (Eds.), *Handbook of attachment: Theory, research, and clinical applications* (pp. 102-127). New York: Guilford Press.

Cabrera, N. J., Shannon, J. D., & Tamis-LeMonda, C. (2007). Fathers' influence on their children's cognitive and emotional development: From toddlers to pre-K. *Applied Development Science, 11*, 208-213.

Cabrera, N. J., Tamis-LeMonda, C. S., Bradley, R. H., Hofferth, S., & Lamb, M. E. (2000). Fatherhood in the twenty-first century. *Child Development, 71*, 127-136.

Cabrera, N. J., Volling, B. L., & Barr, R. (2018). Fathers are parents, too! Widening the lens on parenting for children's. *Child Development Perspectives, 12*, 152-157. Retrieved from http://dx.doi.org/10.1111/cdep.12275

Coppola, G., Vaughn, B. E., Cassibba, R., & Costantini, A. (2006). The attachment script representation procedure in an Italian sample: Associations with adult attachment Interview scales and with maternal sensitivity. *Attachment & Human Development, 8*, 209-219.

Egeland, B., Erickson, M. F., Moon, J. C., Hiester, M. K., & Korfmacher, J. (1990). *Revised Erickson Scales: 24 month tools coding manual. Project STEEP-revised 1990. From motherchild project scales 1978*. Minneapolis: University of Minnesota, Department of Psychology.

Fuertes, M., Faria, A., Beeghly, M., & Lopes-dos-Santos, P. (2016). The effects of parental sensitivity and involvement in caregiving on mother-infant and father-infant attachment in a Portuguese sample. *Journal of Family Psychology, 30*, 147-156. Retrieved from http://dx.doi.org/10.1037/fam0000139

Grossmann, K., Grossmann, K. E., Fremmer-Bombik, E., Kindler, H., Scheuerer-Englisch, H., & Zimmermann, P. (2002). The uniqueness of the child-father attachment relationship: Fathers' sensitive and challenging play as a pivotal variable in a 16-year longitudinal study. *Social Development, 11*, 301-337. Retrieved from http://dx.doi.org/10.1111/1467-9507.00202

Jacobs, J. N., & Kelley, M. L. (2006). Predictors of paternal involvement in childcare with dual-earner families with young children. *Fathering, 4*, 23-47.

Lamb, M. E. (2010a). The role of the father: How do fathers influence children's development? Let me count the ways. In M. E. Lamb (Ed.), *The role of the father in child development* (5th ed., pp. 1-26). Hoboken, NJ: John Wiley and Sons.

Lamb, M. E. (2010b). *The role of the father in child development* (5th ed., pp. 1-26). Hoboken, NJ: John Wiley and Sons.

Lamb, M. E. (2012). Mothers, fathers, families, and circumstances: Factors affecting children's adjustment. *Applied Developmental Science*, *16*, 98-111. Retrieved from https://doi.org/10.1080/10888691.2012.667344

Lamb, M. E., & Lewis, C. (2010). The development and significance of fathers-child relationships in two-parent families. In M. E. Lamb (Ed.), *The role of the father in child development* (5th ed., pp. 94-153). Hoboken, NJ: John Wiley & Sons.

Lamb, M. E., & Tamis-LeMonda, C. S. (2004). The role of the father: An introduction. In M. E. Lamb (Ed.), *The role of the father in child development* (pp. 1-31). Hoboken, NJ: John Wiley & Sons.

Lima, J. (2005). O envolvimento paterno nos processos de socialização da criança. In J. B. Ruivo (Ed.), *Desenvolvimento: Contextos familiares e educativos* (pp. 200-233). Porto: Livpsic.

Main, M., Kaplan, N., & Cassidy, J. (1985). Security in infancy, childhood, and adulthood: A move to the level of representation. *Monographs of the Society for Research in Child Development*, *50*, 66-104. Retrieved from http://dx.doi.org/10.2307/3333827

Marsiglio, W., Amato, P., Day, R. D., & Lamb, M. E. (2000). Scholarship on fatherhood in the 1990s and beyond. *Journal of Marriage and the family, 62*, 1173-1191. Retrieved from https://doi.org/10.1111/j.1741-3737.2000.01173.x

Monteiro, L., Fernandes, M., Torres, C., & Santos, C. (2017). Father's involvement and parenting styles in Portuguese families: The role of education and working hours. *Análise Psicológica, XXXV*, 513-528. Retrieved from https://doi.org/10.14417/ap.1451

Monteiro, L., Fernandes, M., Veríssimo, M., Pessoa e Costa, I., Torres, N., & Vaughn, B. E. (2010). Perspetiva do pai acerca do seu envolvimento em famílias nucleares: Associações com o que é desejado pela mãe e com as características da criança. *Revista Interamericana de Psicologia*, *44*, 120-130.

Monteiro, L., Torres, N., & Salinaz-Queiros, F. (in press). Preditores do envolvimento paterno numa amostra de famílias portuguesas: O papel das crenças parentais. *Suma Psicológica.*

Monteiro, L., & Veríssimo, M. (2010). *Análise do fenómeno de base segura em contexto familiar: A especificidade das relações criança/mãe e criança/pai*. Textos Universitários de Ciências Sociais e Humanas. Lisboa: F.C.T., Gulbenkian.

Monteiro, L., Veríssimo, M., Silva, F., Branco, I., & Santos, A. J. (2015). Os modelos internos dinâmicos analisados com recurso às narrativas de representação de vinculação em adultos. *Trends in Psychology/ Temas em Psicologia, 23*, 443-452. Disponível em https://doi.org/10.9788/TP2015.2-15

Monteiro, L., Veríssimo, M., Vaughn, B. E., Santos, A., & Bost, K. K. (2008). Secure base representations for both fathers and mothers predict children's secure base behavior in a sample of Portuguese families. *Attachment and Human Development*, *10*, 189-206. Retrieved from https://doi.org/10.1080/14616730802113711

Monteiro, L., Veríssimo, M., Vaughn, B. E., Santos, A. J., Torres, N., & Fernandes, M. (2010). The organization of children's secure base behavior in two parent Portuguese families and father's participation in child related activities. *European Journal of Developmental Psychology*, *7*, 545-560. Retrieved from https://doi.org/10.1080/17405620902823855

National Institute of Child Health & Human Development (NICHD), Early Child Care Research Network. (2000). Factors associated with fathers' caregiving activities and sensitivity with young children. *Journal of Family Psychology, 14*, 200-219. Retrieved from https://doi.org/10.1037/0893-3200.14.2.200

Palkovitz, R. (2002). *Involved fathering and men's adult development*. Mahwa: Lawrence Erlbaum Associates, Inc.

Parke, R. D. (1996). Fatherhood. In J. Bruner, M. Cole, & A. Karmiloff-Smith (Eds.), *The developing child*. Cambridge, MA: Harvard University Press.

Parke, R. D. (2000). Father involvement: A developmental psychological perspective. *Marriage & Family Review, 29*, 43-58. Retrieved from http://dx.doi.org/10.1300/J002v29n02_04

Parke, R., Dennis, J., Flyr, M. L., Morris, K. L., Killian, C., McDowell, D. J., & Wild, M. (2004). Fathering and children's relationships. In M. E. Lamb (Ed.), *The role of the father in child development* (pp. 307-340). Hoboken, NJ: John Wiley & Sons.

Peitz, G., Fthenakis, W. E., & Kalicki, B. (2001). *Determinants of paternal involvement during the child's third year of life: Child-care tasks* versus *pleasure activities*. Poster presented at the Society for Research in Child Development, Minneapolis, USA.

Pleck, J. H., & Masciadrelli, B. P. (2004). Paternal involvement by U.S. residential fathers: Levels, sources, and consequences. In M. E. Lamb (Ed.), *The role of the father in child development* (pp. 222-271). Hoboken, NJ: John Wiley & Sons Inc.

Rodrigues-Doolabh, L., Zevallos, A., Turan, B., & Green, K. (2003). Attachment *scripts* across cultures: Further evidence for a universal secure base script. In H. Waters & E. Waters (Chairs), *Script-like representations*

of secure base experience: Evidence of cross-age, cross-cultural, and behavioral links. Poster symposium presented at the Biennial Meetings of the Society for Research in Child Development, Tampa, FL, USA.

Simões, R., Leal, I., & Marôco, J. (2010). Paternal involvement in a group of fathers of elementary school children. *Psicologia, Saúde & Doenças, 11*, 339-356.

StGeorge, J., & Freeman, E. (2017). Measurement of father-child rough-and-tumble play and its relations to child behavior. *Infant Mental Health Journal, 38*, 709-725. Retrieved from http://dx.doi.org/10.1002/imhj.21676

Torres, A., Pinto, P. C., Costa, D., Coelho, B., Maciel, D., Reigadinha, T., & Theodoro, E. (2018). *Igualdade de género ao longo da vida: Portugal no contexto europeu.* Lisboa, Portugal: Guide-Artes Gráficas, Lda.

Torres, N., Veríssimo, M., Monteiro, L., Ribeiro, O., & Santos, A. J. (2014). Domains of father involvement, social competence and problem behavior in preschool children. *Journal of Family Studies*, *20*, 188-203. Retrieved from http://dx.doi.org/10.1080/13229400.2014.11082006

van IJzendoorn, M. H. (1995). Adult attachment representations, parental responsiveness, and infant attachment: A meta-analysis on the predictive validity of the Adult Attachment Interview. *Psychological Bulletin*, *117*, 387-403.

Vaughn, B. E., Copolla, G., Veríssimo, M., Monteiro, L., Santos, A. J., Posada, G., . . . Korth, B. (2007). Coordination between the organization of mothers' secure base knowledge and their children's secure base behavior at home. *International Journal of Behavioral Development, 31*, 65-76.

Veríssimo, M., Monteiro, L, Vaughn, B. E., Santos, A. J., & Waters, H. (2005). Coordenação entre o modelo interno dinâmico da mãe e o comportamento de base segura dos seus filhos. *Análise Psicológica*, *XXIII*, 7-17. Disponível em https://doi.org/10.14417/ap.74

Wall, K., Cunha, V., Atalaia, S., Rodrigues, L., Correia, R., Correia, S. V., & Rosa, R. (2016). *Livro branco: Homens e igualdade de género em Portugal.* Lisboa, Portugal: Editorial do Ministério da Educação e Ciência.

Waters, E., Merrick, S., Treboux, D., Crowell, J., & Albersheim, L. (2000). Attachment stability in infancy and in early adulthood: A 20-years longitudinal study. *Child Development, 71*, 684-689.

Waters, H. S., & Rodrigues-Doolabh, L. (2001). *Are attachment scripts the building blocks of attachment representations?: Narrative assessment of representations and the AAI*. Poster symposium presented at the Biennial Meetings of the Society for Research in Child Development, Minneapolis, MN, United States.

Waters, H. S., & Rodrigues-Doolabh, L. M. (2004). *Manual for decoding secure base narratives*. Unpublished manuscript, State University of New York at Stony Brook, NY, United States.

Waters, H. S., & Waters, E. (2006). The attachment working models concept: Among other things, we build script-like representations of secure base experiences. *Attachment & Human Development, 8*, 185-197. Retrieved from https://doi.org/10.1080/14616730600856016

World Health Organization. (2004). *The importance of caregiver-child interactions for the survival and healthy development of young children*. Geneva: World Health Organization.

Yeung, W. J., Sandberg, J. F., Davis-Kean, P. E., & Hofferth, S. L. (2001). Children's time with fathers in intact families. *Journal of Marriage and Family, 63,* 136-154. Retrieved from https://doi.org/10.1111/j.1741-3737.2001.00136.x

The associations between father's attachment representations and his involvement in care/management and play/leisure activities: An exploratory analyses

The main goal of this study was to explore the associations between father's attachment representations (secure base script knowledge) and his involvement in management and childcare, as well as in play and leisure activities. Sixty-two nuclear Portuguese families, with children between 2 and 5 years of

age participated. Families were middle-class from a socioeconomical perspective, and both parents worked full time. In order to assess the secure-base script the Attachment Script Representation task was used individually with the father, and both mother and father independently reported on parental involvement. Results show that fathers access the secure-base script knowledge in contexts eliciting it; that fathers participate significantly more in play/leisure activities than in management/childcare. Finally, fathers with higher secure-base script scores in adult/child stories are more involved in management and childcare, even when child's age and father's education are controlled for.

Key words: Secure base-script, Involvement, Care and play activities, Father.

Submissão: 03/02/2018 *Aceitação:* 04/11/2019